

OS DELÍRIOS DE PAGU^{1*}

Simone Accorsi^{**}

Resumen

El presente artículo es un avance de investigación del proyecto “El Poder de la Pluma en la Creación de la Identidad Nacional” que trata de la vida y obra de la escritora, poeta, periodista y activista política Patrícia Redher Galvão, más conocida como Pagu. Considerada la “musa” del Movimiento Antropofágico que sentó las bases del Modernismo en Brasil, esa mujer luchó por sus ideales con bravura y determinación en la época de la terrible dictadura de Getúlio Vargas.

Palabras Clave: Pagu, Patrícia Redher Galvão, género, activismo político en Brasil.

Resumo

O presente artigo é um avanço de pesquisa do projeto “O Poder da Pluma na Criação da Identidade Nacional” que analisa a vida e a obra da escritora, poeta, jornalista e ativista política Patrícia Redher Galvão, mais conhecida como Pagu. Considerada a “musa” do Movimento Antropofágico que estabeleceu as bases do Modernismo no Brasil, essa mulher lutou por seus ideais com bravura e determinação durante a época da terrível ditadura de Getúlio Vargas.

Palavras chave: Pagu, Patricia Redher Galvão, gênero, ativismo político no Brasil.

Abstract

This article focuses on the life and work of Patrícia Redher Galvão (Pagu) one of the most important names of Modernism in Brazil. Journalist, poet, writer and political activist, member of the Communist Party, Patrícia Redher Galvão was an example of determination in the struggle for the civilian rights during the terrible

* Artículo tipo 2: de reflexión según clasificación de Colciencias: Este trabalho apresenta os primeiros resultados do projeto de pesquisa “El Poder de la Pluma en la Creación de la Identidad Nacional “ (CI 4314) para o Grupo de Investigación en Género, Literatura y Discurso, da Faculdade de Humanidades, Universidad del Valle, Cali, Colômbia.

** Professora Titular e pesquisadora da Escuela de Estudios Literarios da Universidad del Valle. Membro fundadora do Centro de Estudios de Género, Mujer y Sociedad. Autora de “*Terra Brasilis*” (2003), *Mujeres Haciendo Cultura. Rio de Janeiro 1860-1930* (2012) em co-autoria com a Dra. Magali G. Engel da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e “*El Des-encuentro de Dos Mundos. Género y Complementariedad en los Andes*” (2013). E-mail: simoneaccorsi@yahoo.com.

repression time in which dictator Getúlio Vargas has been the president of Brasil.

Key words: Pagu, Patricia Rehder Galvão, gender, political activism in Brazil.

Introdução

Em 2004, Selma Morgana Sarti, uma recicladora, encontrou no lixo do bairro Butantã de São Paulo, uma grande quantidade de documentos e fotos da escritora, jornalista e poeta Patrícia Rehder Galvão e de seu segundo marido Geraldo Ferraz. Com uma lucidez única, resolveu recolher cuidadosamente todo o material e foi até à UNICAMP na cidade de Campinas entregar à universidade o tesouro histórico encontrado. Graças a ela se sabe hoje bastante mais sobre a célebre Pagu, essa formidável mulher que nunca teve medo de enfrentar a truculência de uma das mais temíveis ditaduras da história brasileira.

Pagu, (com a tônica na última sílaba), apelido dado pelo poeta Raul Bopp, que se enganou ao pensar que seu sobrenome fosse “Goulart”, causou um rebuliço na tradicional (e conservadora) sociedade paulistana expondo publicamente suas ideias através do prestígio que tinha junto à elite intelectual que promoveu o movimento artístico do *Modernismo* brasileiro; foi a primeira mulher vítima da intolerância do Estado Novo a ideologias divergentes à ditadura implantada por Getúlio Vargas. No dia 15 de abril de 1931 ela e seu primeiro marido Oswald de Andrade participavam de uma greve de estivadores do porto de Santos quando foi presa. Foi a primeira vez, seguida de outros 23 encarceramentos ao largo de sua vida de jornalista, escritora e militante política.

Considerada (indevidamente²) como a primeira presa política do Brasil, nasceu no dia 9 de junho de 1910 em São João da Boa Vista no interior do estado

² A primeira presa política no Brasil foi realmente Bárbara Alencar, avó do romancista José de Alencar (1829-1877). Nasceu em 1760 no sertão pernambucano, nordeste do Brasil, perto do povoado de Exu, e esteve encarcerada durante 4 anos por participa, com os dois filhos Carlos José dos Santos e José Martiniano de Alencar, da Revolução Pernambucana (1817) que defendia a implantação de uma nova forma de governo em substituição à monarquia, que passou a cobrar abusivos impostos à população desde a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808. A ideia era implantar um novo governo a partir do Recife, a capital do estado de Pernambuco. “Bárbara ficou em uma cela afastada dos filhos. Somente podia ouvir suas vozes. Imagine uma matriarca presa em um lugar sem condição de higiene, sem direito a banho e a trocar de roupa. Imagine ser transferida em porão de navio, convivendo com ratos. Ver seus parentes agrilhoados ao solo de madeira do navio, alimentando-se do que sobrava da comida dos marinheiros. Foi uma história de luta e sofrimento da nossa primeira presidiária”, conta Gilmar Chaves, escritor que trabalha na publicação do livro “Bárbara de Alencar - a fascinante história do romancista José de Alencar”. Ao saber do movimento, o governo português organizou tropas na Bahia e no Rio de Janeiro e as enviou a Pernambuco para abafar o levante. A maioria dos líderes foram presos e executados. Barbara foi anistiada em 1821 mas sofreu a dor de perder dois de seus filhos, Carlos e Tristão, que morreram durante a conflagração da Confederação do Equador (1824) outro levante que incendiou os ânimos no nordeste do Brasil.

de São Paulo, terceira filha de Adélia Rehder Galvão e Thiers Galvão de França, muda-se 3 anos depois com a família para São Paulo, uma capital que passava por mudanças sociais profundas provocada pela expansão econômica devido à industrialização decorrente da caída do preço do café nas bolsas internacionais (os célebres “barões do café”, das grandes fazendas do interior paulista, tentavam salvar suas fortunas investindo numa promissora indústria que dá frutos ao país até os nossos dias).

Esta cidade que crescia vertiginosamente, recebia milhares de imigrantes principalmente italianos, espanhóis e japoneses, que vinham em busca de uma vida melhor, cresce vendo as desigualdades sociais aumentarem. É nesse meio caótico de uma metrópole que se agiganta que a ainda adolescente Pagu passa a frequentar a Escola Normal.

Um estudante de direito da faculdade no Largo de São Francisco a descreve:

“Era uma menina forte e bonita, que andava sempre muito extravagantemente maquiada, com uma maquiagem amarelo-escuro, meio cor de queijo palmira, e pintava os lábios de quase roxo, tinha um cabelo comprido, assim pelos ombros, e andava com o cabelo sempre desgrenhado e com grandes argolas na orelha. Passava sempre lá pela faculdade, de uniforme de normalista. E os estudantes buliam muito com ela, diziam muita gracinha pra ela (...) faziam muita piada e ela respondia à altura, porque não tinha papas na língua para responder”.

(Frésca, 2014: 2)

De Zazá a Pagu (e outros pseudônimos)

Suas atitudes pouco convencionais para a época como fumar em público, usar blusas transparentes e dizer sempre o que pensava de frente, muitas vezes usando palavrões, causava escândalo numa época em que as damas se vestiam conservadoramente e agiam com mesura. Aos 15 anos, com o pseudônimo de Patsy já escrevia para o Brás Jornal.

Além da Escola Normal, Zazá, como era conhecida pelos familiares, frequenta o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo com a irmã, Sidéria, foi aluna do grande poeta do modernismo Mário de Andrade.

Muitos anos depois, na crônica “*Cor local: Depois de amanhã Mário de Andrade*” publicada pelo *Diário de São Paulo* (23/2/1947), Pagu rememora seu mestre inesquecível:

“Mário de Andrade tinha um riso largo de criança, na minha infância, eu roubando frutas no tabuleiro da casa que tinha perto do Conservatório,

na Avenida São João, e nós meninas sem saber que aquele professor comprido e feio, de riso de criança grande, era um poeta, comia amendoim abrindo o clã do jabuti, e ninguém de nós no piano, na sala, na rua, na porta, pressentindo “depois de amanhã o porvir, sim, o porvir...” Nenhuma de nós sabia que o poeta era o poeta, que o professor fosse outra coisa”.
(Galvão, 1947)

Embora fosse ainda muito jovem (tinha apenas 12 anos), Patrícia presencia a realização da Semana de Arte Moderna (fevereiro de 1922) e todo o alvoroço causado pelas novas ideias da vanguarda intelectual paulistana.

Aos 18 anos completa o curso da Escola Normal da Capital e é apresentada por Raul Bopp ao casal mais destacado e influente da sociedade paulistana: o escritor Oswald de Andrade e sua mulher, a magnífica pintora Tarsila Amaral, líderes destacados do “*Movimento Antropofágico*”, que lançou as bases do modernismo no Brasil.

Nos famosos saraus literários que o casal de artistas organizava em sua residência na Alameda Barão de Piracicaba, a amizade da jovem com o casal se torna cada vez mais próxima. Segundo depoimento do arquiteto Flávio de Carvalho, dado a Maria Eugenia Boaventura, biógrafa de Oswald em 1964, Pagu “*era uma colegial que Tarsila e Oswald resolveram transformar em boneca. Vestiam-na calçavam-na, penteavam-na, até que se tornasse uma santa flutuando sobre as nuvens*”. (Campos, 1982: 320)

Depois de ler alguns poemas da jovem Patrícia, Bopp, que lhe havia sugerido o nome Pagu como “nome de guerra” literário, publica na revista *Para Todos...*, no Rio de Janeiro, em 1928, um poema em sua homenagem:

Acervo UNICAMP-S.Paulo

“Pagu tem uns olhos moles uns olhos de fazer doer.

Bate-coco quando passa.

Coração pega a bater.

Eh Pagu eh!

Dói porque é bom de fazer doer ...

Passa e me puxa com os olhos provocantissimamente.

Mexe-mexe bamboleia pra mexer com toda a gente.

Eh Pagu eh! Dói porque é bom de fazer doer...

Toda a gente fica olhando o seu corpinho de vai-e-vem umbilical e molengo de não-sei-o-que-é-que-tem.

Eh Pagu eh Dói porque é bom de fazer doer...

Quero porque te quero Nas formas do bem-querer. Eh Pagu eh!

Querzinho de ficar junto Dói porque é bom de fazer doer...

Que é bom de fazer doer. (Bopp citado por Freire, 2008:46)



“Coco de Pagu”³

Em realidade Pagu se aproxima desse grupo intelectual num momento que a crítica literária denomina como “a “segunda dentição”. Em 1928, Oswald de Andrade lança o “*Manifesto Antropófago*”, uma radicalização extremista do movimento da Semana de 1922, através da *Revista Antropofagia* que propõe uma ruptura ainda maior com os cânones vigentes da época. Após 10 números a revista passa por uma reformulação, há uma cisão no grupo e alguns integrantes como Mario de Andrade e Alcântara Machado encerram sua colaboração. É nesta segunda fase (março de 1929) que Pagu inicia sua colaboração à revista, basicamente com ilustrações.

Numa festa beneficente em junho do mesmo ano no Teatro Municipal de São Paulo, a jovem, vestida por Tarsila, que era conhecida por sua elegância, declama poemas modernistas, inclusive o “Coco de Pagu” de Bopp, e um poema de sua autoria do seu diário “Álbum de Pagu” cujas ilustrações também foram feitas por ela:

“...a minha gata é safada e corriqueira... arremeda ‘picassol’ trepa na trave do galinheiro e preguiçosamente escancara a boca e as pernas.
...a minha gata é vampira... mimo de um italiano velho e apaixonado, general de brigada. Dois metros de altura, pelado e sentimental, atavismo. O luxo da minha gata é o rabo ela pensa que é serpente...”
(Pagu, 1929:s/nº)

³ “Coco” como metáfora para cabeça, inteligência brilhante e ousada.

É a partir desse evento que Pagu torna-se mais conhecida além do círculo da famosa “Tarsiwald”, a casa do casal Andrade.

Em 20 de julho do mesmo ano Tarsila do Amaral inaugura sua primeira exposição individual no Rio de Janeiro onde chega acompanhada por um “séquito de antropófagos” formada entre outros pela pintora Anita Malfatti, seu marido Oswald e..Pagu. Numa reportagem sobre o evento para a revista *Para Todos...*, Clóvis de Gusmão publica uma pequena entrevista que fez a Pagu:

“Pagú veio ao Rio com Tarsila (...) a gente quando vê Pagú repete pra dentro aquilo que o Bopp escreveu: - dói – porque é bom de fazer doer!

- *Que é que você pensa, Pagu, da antropofagia?*

- *Eu não penso: eu gosto.*

- *Tem algum livro a publicar?*

- *Tenho: a não publicar: os “60 poemas censurados” que eu dediquei ao Dr. Fenolino Amado, diretor da censura cinematográfica. E o Álbum de Pagu – vida paixão e morte – em mãos de Tarsila, que é quem toma conta dele. As ilustrações dos poemas são também feitas por mim.*

- *Quais as suas admirações?*

- *Tarsila, Padre Cícero, Lampião e Oswald. Com Tarsila fico romântica. Dou por ela a última gota do meu sangue. Como artista só admiro a superioridade dela.*

-*Diga alguns poemas, Pagu.*

(Informações: - Pagu é a criatura mais bonita do mundo – depois de Tarsila, diz ela. Olhos verdes. Cabelos castanhos. 18 anos. E uma voz que só mesmo a gente ouvindo) ”. (Gusmão citado por Frésca, 2014:5)

Patricia nutria tal veneração por Tarsila (a quem dedica vários escritos elogiando sua beleza e maestria como pintora) que acaba por envolver-se sentimentalmente com Oswald num processo que a psicanálise explica plenamente.

“Eles começaram a ter encontros secretos. E fizeram um diário juntos: escreviam bilhetes um pro outro, poemas, cartas. Oswald a chamava de Bebê, ela o chamava de Valdinho. Estavam apaixonados, ora se não estavam! Até que... Pagu ficou grávida! Do Oswald. Mulher solteira, grávida? De um homem casado? Amiga da mulher do homem casado? Naquela época? (...) Oswald convenceu ao irmão de criação de Tarsila, um pintor chamado Waldemar Belisário, a se casar com Pagu. Cerimônia simples em cartório. Tarsila e Oswald foram padrinhos do casamento e os noivos ganharam de presente um quadro da pintora. O casal partiu para a lua-de-mel. Deviam descer de carro até Santos e lá embarcar num navio para Paris. Isso é o que todos pensavam. Mas o

plano de verdade era outro e já estava todo armado: no alto da serra, Oswald esperava-os em outro carro. Pagu seguiu com ele e o noivo voltou para São Paulo, sozinho. (...) Para deixar esfriar o escândalo, o casal sumiu por uns tempos. Viajaram. (...) Mas nada disso impediu a vida de Pagu com Oswald". (Zatz, 2005: 29)

Logo depois, Pagu perdeu o bebê, mas engravidou de novo. O filho deles nasceu no dia 25 de setembro de 1930 e foi chamado de Rudá, que nas lendas indígenas quer dizer "o deus do amor". Apaixonados, celebraram um casamento de mentira no lugar mais insólito possível: no Cemitério da Consolação em frente ao jazigo da família de Oswald. Em "*O Romance da época anarquista ou Livro das horas de Pagu que são minhas*", uma espécie de diário que escrevia com Pagu desde maio de 1929, Oswald anota:

"1930, 5 de janeiro. Nesta data, contrataram casamento a jovem amorosa, Patrícia Galvão e o crápula forte, Oswald de Andrade. Foi diante do túmulo do Cemitério da Consolação, à Rua 17, n.º 17, que assumiram o heroico compromisso. Na luta imensa que sustentaram pela vitória da poesia e do estômago, foi grande o passo prenunciador, foi o desafio máximo. Depois se retrataram diante de uma igreja. Cumpriu-se o milagre. Agora, sim, o mundo pode desabar". (Freire, 2008:52)

O fino humor de Oswald definiu num poema-piada, escrito em 1930 num guardanapo de restaurante o final de seu casamento com Tarsila e sua paixão com Pagu:

"Se o lar de Tarsila Vacila é por causa do angu de Pagu"
(Andrade citado por Frésca, 2014:4)

O novo casal, entretanto, foi muito mal visto pela sociedade paulistana da época. O escândalo lhes fechou portas importantes, como, por exemplo, os salões da casa de Olívia Guedes Penteadó, pertencente à elite paulistana e grande incentivadora da arte e dos artistas modernistas. A vida do casal fica, além do mais, muito abalada financeiramente com a crise de 1929. Para sobreviver Oswald ia dilapidando sua herança, vendendo por qualquer preço pedaços de terrenos que havia sido de sua família. Para fugir dos credores isola-se na Ilha das Palmas, em Santos, mais tarde numa chácara no bairro hoje conhecido como Santo Amaro. Quando ambos tinham que ir a São Paulo por conta da militância que

havia empreendido pelo Partido Comunista⁴ era *Nonê*, Oswald de Andrade Filho (1914-1972) o primeiro filho de Oswald com a francesa Henriette Denise Boufleurs, que tomava conta do bebê Rudá.

Junto com Oswald edita o jornal “*O Homem do Povo*”, onde assinava uma coluna “*A Mulher do Povo*” em que faz críticas ao movimento feminista brasileiro que segundo ela era um movimento elitista liderado por burguesas que nada tinham que ver com as questões das mulheres proletárias. O jornal durou apenas oito números pela confusão causada pela crítica de Oswald à faculdade de Direito, que ele considerava um “cancro” que minava o estado. Berço dos filhos da elite paulistana, a ofensa resultou no fechamento do jornal por ordem do Secretário de Segurança do Estado.

Pagu que já havia participado de agitações anteriores na época da Revolução de 1930, junta-se aos estivadores do porto e Santos num comício no dia 23 de agosto de 1931. É presa pelos agentes da ditadura. Oswald tenta ajudá-la apresentando-se como seu advogado mas é preso também. O Partido Comunista para eximir-se de culpa, a obriga a assinar um documento em que ela reconhecia ser uma “agitadora individual, sensacionalista e inexperiente”.

Em 1932 separa-se temporalmente de Oswald e vai para o Rio de Janeiro onde consegue trabalho como lanterninha num cinema da Cinelândia. Passa a viver numa vila operária, como parte do projeto de vivenciar a dura vida que levavam os trabalhadores brasileiros. Apesar de sua dedicação não era bem vista pelos companheiros do Partido Comunista que a consideravam uma fraude. O historiador Leôncio Basbaum, antigo membro do Partido Comunista, afirma:

“...um desses elementos, podemos dizer perniciosos, era uma moça (poetisa) chamada Pagu, que vivia, às vezes, com Oswald de Andrade. Ambos haviam ingressado no Partido, mas para eles, principalmente para Oswald, tudo aquilo parecia muito divertido. Ser membro do PC, militar ao lado dos operários ‘autênticos’, tramar a derrubada da burguesia e a instauração de uma ‘ditadura do proletariado’, era sumamente divertido e emocionante”.

(Basbaum, 1978:119)

Em janeiro de 1933 publica *Parque Industrial*, seu primeiro romance, com o pseudônimo de Mara Lobo, cujo foco era a vida dura e miserável das trabalhadoras das indústrias de São Paulo. Como experiência estética *Parque Industrial* é um belo exemplo inovador em relação à linguagem.

⁴ Três meses depois do nascimento de Rudá, Pagu viaja a Buenos Aires para participar de um festival de poesias e lá conhece a Luís Carlos Prestes máximo líder e fundador do Partido Comunista Brasileiro. Tão pronto regressa a São Paulo afilia-se ao partido e convence a Oswald a fazer o mesmo.

Em dezembro do mesmo ano sai de viagem pelo mundo para estudar *in loco* a implantação do sistema comunista na Rússia. Além da ajuda financeira de Oswald, que também ficou cuidando de Rudá, Patrícia atua como correspondente para os jornais *Diário da Noite* (SP), *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro.

Sua viagem começa nos Estados Unidos, depois Japão e China, onde entrevista a Sigmund Freud e conhece Pu Yi, o último imperador, que lhe deu de presente uma muda de soja, que ela introduziu no Brasil.

Da China, em maio de 1934, toma o trem Transiberiano numa viagem de oito dias até Moscou:

“... o ideal ruiu, na Rússia, diante da infância miserável das sarjetas, os pés descalços e os olhos agudos de fome. Em Moscou, um hotel de luxo para os altos burocratas, os turistas do comunismo, para os estrangeiros ricos. Na rua as crianças mortas de fome: era o regime comunista”.
(Galvão citada por Gonçalves, 2010:1)

De Moscou vai para a França onde frequenta cursos na *Université Populaire*, participa de manifestações junto ao *Front Populaire*, uma união dos partidos de esquerda. É detida 3 vezes até que descobrem que ela havia se afiliado ao Partido Comunista usando o nome falso de Leonnie. É presa como militante comunista estrangeira com identidade falsa e só não é submetida ao Conselho de Guerra pela intervenção do embaixador Souza Dantas que logra a sua repatriação.

Volta ao Brasil no final de 1935, se separa definitivamente de Oswald de Andrade e passa

A colaborar com o jornal *A Plateia*, mas logo depois é presa em São Paulo por apoiar a Intentona Comunista⁵ é condenada a dois anos de prisão, mas como foge antes de completar a pena é recapturada e condenada a mais dois anos e meio, que cumpre na Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Por recusar-se a prestar homenagem no cárcere ao Interventor Federal Adhemar de Barros que estava de visita, lhe aumentam a pena em seis meses mais. Libertada em julho de 1940, doente, pesando apenas 44 quilos, a “*musa do movimento antropofágico*” já não era a mesma: marcada pela desesperança, sofrendo críticas dos próprios correligionários de partido tenta sem sucesso o suicídio logo depois de sair da prisão.

⁵ A *Intentona Comunista* foi uma rebelião, que eclodiu em novembro de 1935, contra o governo de Getúlio Vargas, apoiada pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) sob o comando do Capitão do Exército Luís Carlos Prestes, que se tornou um grande líder comunista. Apesar de receber a adesão de vários batalhões, a revolta foi sufocada pelas forças leais ao governo Vargas.



Foto com dedicatória para Geraldo Ferraz, 1941. Acervo UNICAMP.

Uma vez mais, “dá a volta por cima” e inicia uma nova fase na sua vida. Começa a viver com seu amigo Geraldo Ferraz, com quem tem um segundo Filho, Geraldo Galvão Ferraz. Rompe com o Partido Comunista e passa a colaborar com diversas publicações como cronista ou fazendo crítica literária. Jornais importantes recebem seus textos inclusive o Diário de São Paulo, um dos mais importantes da capital. Colabora como contista com a revista *Detetive* dirigida pelo eminente escritor e teatrólogo Nelson Rodriguez. Publica em 1945, conjunto com seu marido Geraldo Ferraz um segundo livro chamado *A Famosa Revista*, onde denuncia as contradições do Partido Comunista Brasileiro.

(...) De degrau em degrau descí a escada das degradações, porque o Partido precisava de quem não tivesse um escrúpulo, de quem não tivesse personalidade, de quem não discutisse. De quem apenas ACEITASSE. Reduziram-me ao trapo que partiu um dia para longe, para o Pacífico, para o Japão e para a China, pois o Partido se cansara de fazer de mim gato e sapato. Não podia mais me empregar em nada: estava ‘pintada’ demais. (...) Em 1935, procurei uma revolução que o Partido preparava e não achei revolução nenhuma. Nos pontos, nas esquinas, nenhuma voz, nenhum gesto. Apenas o fiasco. Mais uma vez, o fiasco (...) E todos nós para a cadeia (...) Outros se mataram. Outros foram mortos. Também passei por essa prova. Também tentaram me enganar em muito boas condições. Agora, saio de um túnel. Tenho

várias cicatrizes, mas ESTOU VIVA”.
(Galvão citada por Campos, 1982:16)

Nesta fase faz questão de ser Patrícia Galvão novamente. Candidata-se à Assembleia

Legislativa de São Paulo pelo Partido Socialista Brasileiro mas não é eleita. Passa então a dedicar-se intensamente como crítica de arte, teatro, televisão e literatura com uma atuação expressiva e importante na cidade de Santos, principalmente no jornal *A Tribuna*. Frequenta o curso de teatro da Escola de Arte Dramática (EAD) de São Paulo e incentiva a formação de grupos de teatro amador em Santos. Seu amor pelo teatro de vanguarda a levou a traduzir Blaise Cendrars, Svevo e Arrabal. Suas páginas sobre Ionesco, Brecht, Fernando Pessoa, Dostoiévsky, Rilke e Pirandello foram um exercício sobre como fazer boa crítica de arte.

“Preferimos a vanguarda, porque visa ela corrigir os vícios e os hábitos de se assistir teatro normal, teatro repetido, teatro que deixa espectador e atores indiferentes. Preferimos aqueles momentos capazes de sacudir o sono do mundo, como lembrava, certa vez, o velho mestre Sigmund Freud. Pois que o mundo dorme.
(Galvão citada por Frésca, 2014:12)

Seridamente doente com um câncer, Patrícia viaja novamente à França para uma cirurgia. Sem resultados positivos, tenta o suicídio novamente e fracassa. Na véspera de sua morte publica seu último poema:

Nothing
Nada, nada, nada
Nada mais do que nada
(...) Trouxeram-me camélias brancas e vermelhas
Uma linda criança sorriu-me quando eu a abraçava
Um cão rosnavava na minha estrada
(...) Abri meu abraço aos amigos de sempre
Poetas compareceram
Alguns escritores
Gente de teatro
Birutas no aeroporto
E nada
(Galvão, *A Tribuna*, 11/12/1962)

Geraldo Ferraz, seu marido e companheiro durante 22 anos, publica quatro dias depois a seguinte nota:

*“Deu-se esta semana uma baixa nas fileiras de um agrupamento de raros combatentes. Ausência desde 12 de dezembro de 1962, que pede seu registro do companheiro humilde, que assina estas linhas. Patrícia Galvão morreu neste dia de primavera, nessa quarta-feira, às 16 horas. (...) Morreu aqui em Santos, a cidade que mais amava, na casa dos seus, entre a irmã e a Mãe que a acompanhavam naquele momento e, felizmente, em poucos minutos, apenas sufocada pelo colapso que a impedia de respirar, pela última palavra que pedia ainda liberdade ‘desabotoa-me esta gola’⁶.
(Ferraz, A Tribuna, 16/12/1962)*

Fontes Bibliográficas

Diários:

ANDRADE, Oswald; Galvão, Patricia Rehder. (1929). *O Romance da época anarquista ou Livro das horas de Pagu que são minhas*. São Paulo: Acervo do Centro de Estudos de Gênero Pagu - UNICAMP.

GALVÃO, Patricia Rehder. (Sem data). *Album de Pagu*. São Paulo: acervo do Centro de Estudos de Gênero Pagu - UNICAMP.

Livros de Pagu e seus pseudônimos:

LOBO, Mara. (1933). *Parque Industrial*. São Paulo: Edição da autora.

GALVÃO, Patrícia; Ferraz, Geraldo. (1945) *A Famosa Revista*. Rio de Janeiro: América Editores.

GALVÃO, Patrícia. (1950). *Verdade e Liberdade*. São Paulo: Edição do Comitê Pró Candidatura Patrícia Galvão.

SHELTER, King. (1998). *Safra Macabra*. Rio de Janeiro: José Olympio.

GALVÃO, Patrícia. (2005). *Paixão Pagu: A autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. Rio de Janeiro: Agir (Grupo Ediouro).

Jornais:

A Tribuna. 11 de dezembro de 1962

Diário de São Paulo. 23 de fevereiro de 1947.

Suplemento Literário de “O Estado de São Paulo”. 4 de outubro de 1964.

⁶ Tradução ao espanhol: “Desabrochame este cuello”.

Referências bibliográficas

BASBAUM Leôncio. (1978). *Uma Vida em seis tempos (Memórias)*. São Paulo: Revista Alfa-Omega.

CAMPOS, Augusto de. (1982). *Pagu: Vida e Obra*. São Paulo: Brasiliense.

FREIRE, Teresa. (2008). *Dos Escombros de Pagu*. Um recorte biográfico de Patrícia Galvão. São Paulo: SENAC, edições SESC SP.

GUSMÃO, Clóvis. (3 de agosto de 1929). *Entrevista a Pagu*. São Paulo: Revista *Para Todos...*

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. (2007). *A “Mouscouzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos*. São Paulo: Humanitas.

TEIXEIRA Furlani, Lúcia M. (Org) (2004). *Croquis de Pagu e outros momentos felizes que foram devorados*. Santos (SP): Cortez/Unisantia.

_____.(1999). *Pagu-Patrícia Galvão, livre na imaginação, no espaço e no tempo*. Santos (SP): Unisanta.

ZATZ, Lia. (2005). *Pagu Coleção: A Luta de cada um*. São Paulo: Instituto Callis.

Webgrafia

FRÉSCA, Camila Ventura. Disponível em: <http://www.vidaslusofonas.pt/pagu.htm>. Consultado em 03/06/2014.

GONÇALVES, Adelto. (2010) *Jornal Opção*. Goiânia, Goiás, Brasil: Ed. 1840-Outubro. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/formacao-intelectual-e-politica-de-patricia-galvao>. Consultado em 28/10/2014.